

Aldo Ajello: «Moçambique teve avanços significativos em 1993»

Sec. Jb 10/1/94

O representante especial do secretário-geral das Nações Unidas em Moçambique, Aldo Ajello, disse em Maputo que o País registou «significativos avanços» e que o processo de paz «é irreversível».

Aldo Ajello falava no encontro semanal com a Imprensa na capital moçambicana.

«Concluímos o ano de 1993 com significativos avanços, com destaque para a criação da confiança entre os responsáveis do Governo, da Renamo e das Nações Unidas. O processo é agora irreversível», disse.

O representante especial da ONU admitiu que a Operação das Nações Unidas em Moçambique (Onumuz), que dirige, se debate com «alguns problemas logísticos» no processo de acantonamento de tropas, que suscitaram numerosos protestos da Renamo.

O líder da Resistência Nacional Moçambicana, Afonso Dhlakama, acusou a Onumuz e o seu chefe, Ajello, de estar a «enganar o público local», ao afirmar que não há fundos para financiar o processo de acantonamento em curso no País desde o passado dia 30 de Novembro.

Em declarações à «Voz da América», Dhlakama acusou a Onumuz de «esbanjar o dinheiro da comunidade internacional».

ESBANJAMENTO NA ÁREA DE CHIRAMBA

«Não faz sentido para a comunidade internacional ou para o sr. Aldo Ajello enganar o povo moçambicano, dizendo que não há fundos suficientes para custear o acantonamento em condições enquanto os brancos que estão em

Chiramba bebem água transportada de helicópteros», acrescentou.

Dhlakama disse que «os brancos da Onumuz» estacionados na área de acantonamento de Chiramba tomam banho com água transportada por via aérea, enquanto nas imediações existe o Rio Zambeze.

«Os pretos moçambicanos comem muito mal, apanham chuva, andam descalços. Eu vi um helicóptero a trazer água (em Chiramba). Isto é desumano» — disse.

«Não tenho conhecimento de casos de helicópteros que transportam água mas vou procurar confirmar isso junto do comandante militar da Onumuz», prometeu Aldo Ajello.

«Ficaria surpreendido se helicópteros da ONU andassem a transportar baldes de água. Se for esse o caso, de facto seria má gestão» — acrescentou.

Para Dhlakama, o dinheiro dispendido com um voo de helicóptero transportando água da Beira para Chiramba seria suficiente para comprar roupa para os seus guerrilheiros ali acantonados.

«Estou desmoralizado. Espero abordar essa questão com o sr. Ajello ou mesmo com o próprio secretário-geral das Nações Unidas, Butros Ghali», referiu.

«Os estrangeiros estão a usar entre eles o dinheiro disponibilizados pela comunidade internacional para o processo de paz moçambicano, que não está a beneficiar os moçambicanos», prosseguiu.

«Estou muito agitado» — disse Dhlakama à «Voz da América».

O chefe da Onumuz apontou que uma das

causas dos problemas alimentares nos campos de acomodação da Renamo é motivada pelo facto de este movimento enviar para os centros efectivos acima das capacidades das áreas de acomodação.

Exemplificou afirmando que a Renamo preenche há dias em 113 por cento a capacidade instalada do campo de Lúrio, na Província de Nampula, em 197 por cento em Muhiua, Zambézia, em 157 por cento em Chiramba, Sofala, e em 163 por cento em Magunde, também em Sofala.

O 'número um' da Onumuz disse que cada soldado tem uma ração diária de 265 gramas de milho, 133 gramas de arroz, 102 gramas de feijão, 41 gramas de óleo vegetal e 18 gramas de açúcar, após aumento do «cabaz» em 25 por cento.

GOVERNO NÃO CUMPRE COM A COMIDA DO MILITAR

Esta ração foi decidida entre o Programa Alimentar Mundial (PAM) e o Governo de Moçambique, na presunção de que o Executivo moçambicano forneceria carne, peixe seco, sal e pão, compromissos que «por razões desconhecidas» Maputo não cumpre, segundo Ajello.

«Estamos a tentar resolver estes problemas, procurando apoio junto da comunidade internacional até que o Governo esteja em condições de cumprir a promessa», indicou.

«As queixas sobre dificuldades alimentares são correctas. Enfrentamos algumas dificuldades mas estamos a tomar medidas a fim de as

ultrapassar» — disse Ajello.

É de sublinhar que a Onumuz deu já entrada a mais de 50 por cento de guerrilheiros da Renamo e registou mais de 40 por cento deles.

Ajello indicou que as Nações Unidas recolheram desde 30 de Novembro passado mais de 12 mil armas diversas, sendo a maior quantidade pertencente ao Governo.

ITALIANOS ATÉ AO FIM DO MANDATO

Sobre a presença das tropas italianas em Moçambique, Ajello disse que elas permanecerão até ao fim do mandato da Onumuz, que termina em 30 de Abril e é prorrogável até Outubro de 1994.

Acrescentou que após a aprovação pelo Conselho de Segurança da ONU de uma resolução para renovar o mandato da Onumuz em Moçambique, poderá considerar a hipótese de negociar com Roma a manutenção do contingente «Albatroz», de cerca de 1.200 homens.

«Se o processo decorrer de acordo com o calendário, podemos reduzir a componente militar», admitiu.

Aldo Ajello referiu que em caso de consenso entre o Governo e Renamo, alguns trabalhos actualmente da responsabilidade das tropas da ONU poderão ser remetidos ao futuro Exército Unificado de Moçambique.

De acordo com o calendário do processo de paz moçambicano, 50 por cento das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM), deverão estar constituídas e operacionais até Maio de 1994.